

4 Estações Instituto de Psicologia

Título: Luto de um pai por perda de um filho
natimorto.

Monografia do curso de aprimoramento

Nome: *Celina Gammellone*

Orientadora: *Valéria Tinoco*

RESUMO:

De acordo com Doka (1989), nossa sociedade estabelece regras de comportamento e até de sentimentos.

Uma mãe que não expressa seu pesar escandalosamente se torna vítima de comentários e assusta a sociedade com sua aparente “frieza”, e o mesmo estranhamento acontece quando um pai expressa toda sua emoção publicamente.

Os tipos de perdas e relacionamento também influenciam no aceitamento social da perda. Por exemplo, a relação entre um pai e um filho natimorto não é tão reconhecida quanto a de um pai com um filho maior, portanto, esse tipo de luto não é validado.

Na mídia, quando somos notificados da morte de algum jovem ou criança, quem aparece resolvendo as situações burocráticas referentes ao destino do corpo e rituais na maioria dos casos é o homem (pai), e de acordo com Doka (2000), muitas vezes estes pais contêm seu sofrimento com a intenção de poupar a mulher, o que pode aparentar certa frieza em relação à perda, e ocasionar dificuldades no casamento.

Em meio a tantas obrigações e expectativas sociais, fica difícil para os homens demonstrarem seu sofrimento frente suas perdas.

Pensando nisso, a presente pesquisa teve como objetivo analisar qualitativamente o luto de um homem que perdeu seu filho, e não possuiu nenhum tipo de tratamento psicológico, levando em conta suas particularidades e a teoria apresentada.

Palavras Chaves:

Luto, Paterno, Filho, Natimorto.

Introdução:

Muito se estuda sobre a dor da perda das mulheres e mães que perderam filhos, mas pouco se encontra nas prateleiras de livros e teses sobre luto, questões referentes ao luto paterno e ao luto masculino.

O Luto masculino acaba sendo marginalizado e pouco estudado, devido a regras sociais que impõe que os homens não devem demonstrar com lágrimas e emoções o seu pesar . Mas nem por isso os homens deixam de expressar de outras formas suas emoções, e por isso, o estudo do luto masculino merece atenção.

Além disso, a perda de um filho que o pai não se conheceu, faz com que nossa sociedade não reconheça a dor de uma mãe, e tão pouco de um pai frente à perda de um filho natimorto ou abortado.

Pensando nisso a pesquisa visa mostrar o processo de luto de um pai, que perdeu seu filho poucos minutos depois dele nascer.

1-Luto:

Em “Luto e Melancolia”, Freud (1974, p.275) descreve o luto como: *“uma reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”*.

Para Parkes (1998, p.9), o luto é entendido como *“Uma importante transição psicossocial, com impacto em todas as áreas de influência humana”*. Assim, considera que o luto é um processo impactante e causador de mudanças em diversos aspectos da vida.

A partir destas afirmações, podemos entender o luto como sendo uma reação à perda, indissociável ao ser humano que se constitui como formador de vínculos afetivos e sofredor pelo rompimento irreversível destes.

1.1-Fases do Luto:

O Luto pode ser dividido em quatro fases principais: (BOWLBY, 1981 p.85)

1. Entorpecimento: Nesta fase, a pessoa entra em choque, não consegue acreditar na morte da pessoa querida, podendo negar o ocorrido. A pessoa normalmente tenta continuar a viver como se nada tivesse acontecido. É uma reação de defesa contra o impacto da perda.

2. Anseio e Protesto: Nesta fase a pessoa tenta recuperar a pessoa perdida, sente muita raiva. Fase de bastante inquietação, onde mais acontecem os sonhos com a pessoa perdida. A pessoa chama pelo morto e pede que volte.

3. Desespero: Fase bastante difícil na qual a pessoa se dá conta de que a sua perda é irrecuperável. Fase de apatia, e depressão.

4. Recuperação e Restituição: A depressão se mistura a sentimentos bons, a pessoa se adapta melhor Às mudanças ocorridas em sua vida, consegue reinvestir sua energia em outras coisas e sua relação com o objeto perdido é estabelecida de uma nova forma.

A duração das fases pode variar a partir de diversos aspectos, entre eles: o tipo de apego da pessoa enlutada com a morta e a história de vida dessa pessoa.

De acordo com Bromberg, (2000), é de grande ajuda considerar o luto como um processo dividido em fases, pois este tipo de visão é importante na detecção de uma possível patologia e de grande utilidade para profissionais que busquem avaliar as condições de luto familiar:

“Para o psicólogo que busca avaliar a condição de luto na família, o conhecimento das fases fornece bases para lidar produtivamente com os recursos disponíveis respeitando as defesas necessárias de cada uma. Principalmente se levarmos em conta que as fases têm sua sucessão natural e situam-se dentro de parâmetros temporais, elas se tornam um elemento a mais na avaliação da condição do enlutado.” (BROMBERG, 2000, p.37)

Deve-se tomar o cuidado de não fazer afirmações definitivas a respeito das fases do luto, pois existem muitas diferenças entre indivíduos e cada um pode viver seu processo de luto de forma particular.

1.2 Luto não reconhecido:

Doka (1989) afirma que existe um conjunto de regras sociais para o luto.

A partir dessa afirmação, pode-se dizer que além de um processo individual resultante de uma perda vivida por uma pessoa com sua história de vida e personalidade peculiares, o processo de luto, se torna também um processo social ao passo que essas regras sociais estão a serviço de “especificar quem, quando, onde, como, por quanto tempo, e por quem devemos expressar sentimentos de luto ou pesar. Porém, em qualquer sociedade, estas regras de luto podem não corresponder à natureza do apego, ao senso de perda ou aos sentimentos dos sobreviventes”. (DOKA, 1989, p 5).

O não reconhecimento das perdas pode acontecer por cinco razões, segundo Casellato (2005):

Quando o relacionamento não é reconhecido como, por exemplo, no caso de um amante, parceiro homossexual, perda de um filho adotivo, perda de um pai adotivo e animais de estimação. Todos esses podem ser relacionamentos profundos, porém, não são socialmente válidos.

O luto não é reconhecido também, em situações em que a morte não é reconhecida, ex: morte por doença socialmente estigmatizada como a Aids, no suicídio, a verdadeira causa da morte não aparece no atestado de óbito, homicídio e terrorismo, ou em situações nas quais o enlutado não é reconhecido, o que ocorre frequentemente, no caso dos cuidadores, doentes mentais, mães que entregaram seu filho biológico a adoção e indivíduos que decidiram se separar do parceiro no relacionamento amoroso.

Quando o modo de enlutar-se e o estilo de expressão do pesar não são validados socialmente. Isso ocorre quando uma mãe não chora o tanto que a sociedade julga necessário quando perde o filho, ou mesmo no caso de um homem, que se debruça sobre o corpo do ente perdido e chora compulsivamente. Socialmente, o contrário seria o esperado e reações como essas geram muitos comentários maldosos.

Outra maneira do luto não ser reconhecido, é o luto de uma perda não reconhecida. Isso ocorre quando a perda sofrida pela pessoa não é considerada significativa pela

sociedade em que ela vive. Como exemplo: luto pelo feto abortado, natimortos, rompimento de vínculos amorosos, adoecimento, incapacitações físicas e também, o luto por perdas sociais como, perda de emprego, status, situações de institucionalização, aposentadoria, mudança de comunidade (país, cidade, estado) e mutilações.

O luto masculino, e dentro desse, o luto paterno, pode muitas vezes não ser validado. A sociedade espera que um homem seja forte e não demonstre publicamente seu pesar, assim, quando um homem sofre uma perda, muitas vezes a rede social reage como se o homem não estivesse sofrendo, e passa a dedicar seu apoio e pesar às mulheres, enquanto o homem se dedica a resolver aspectos concretos relacionados ao corpo e rituais. O sofrimento masculino, muitas vezes não é reconhecido. Ao mesmo tempo, quando um homem demonstra muito seu sofrimento, de maneira inadequada ao esperado, seu sofrimento passa a ser alvo de preconceitos e julgamentos maliciosos.

Um luto quando não reconhecido, pode se tornar um luto complicado na medida em que o enlutado não pode expressar sua perda como gostaria.

1.3 Luto Complicado

A personalidade, o padrão de apego, a relação que a pessoa tinha com o ente querido que faleceu, a forma como ela lidou com perdas anteriores, e, se ela lidou com perdas anteriores, se recebeu algum tipo de educação para a morte, o esclarecimento da causa da morte, o apoio recebido por ela e a possibilidade de expressar os sentimentos, são fatores que podem auxiliar ou complicar o processo de enlutamento.

A existência de um ritual fúnebre também pode auxiliar no processo de luto, sendo assim a ausência de ritual pode se tornar um complicador.

Segundo Bromberg (2000), os rituais permitem que as pessoas se sintam acolhidas pela cultura em que estão inseridas. Essa cultura possui respostas previsíveis e necessárias no momento em que uma perda a abala e apesar das diferenças culturais, dois aspectos são comuns a todos os ritos: referências temporais e espaciais, o que fornece aos participantes um sentido de segurança psicológica.

Franco (2005) diz que um ritual deve ser feito, mesmo que simbolicamente, no caso de ausência de um corpo ou qualquer objeto concreto pertencente à pessoa

Sendo assim, os rituais podem ser entendidos como uma importante etapa no enfrentamento e concretização de uma perda mesmo que o corpo do morto não esteja presente.

No luto complicado, ocorrem reações de forma diferente do esperado, ou, até mesmo, ausência dos sintomas de luto.

Freud (1974, p.276) descreve melancolia como sendo um luto mal sucedido, no qual existe um rebaixamento de auto-estima e auto recriminação:

“Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição”.

Segundo Franco, Mazorra e Tinoco (2002), existem vários fatores de risco para o desenvolvimento de um luto complicado. No Brasil, os principais fatores de risco apontados por estas autoras foram: morte de um jovem; morte repentina ou violenta; existência de segredos em relação à morte.

Todos esses fatores freqüentemente estão relacionados à perda de um filho. Muitos clínicos dizem que o luto por perda de filho por si só se aproxima muito dos lutos não resolvidos (RANDO, 1997).

1.4-A perda de um filho: implicações na dinâmica familiar:

De acordo com Kovács (1992), a morte deveria seguir uma seqüência lógica: primeiro morrem os pais, depois, os filhos. Por isso, quando essa seqüência se quebra, independente da idade do filho morto os pais sofrem muito, pois para o ser humano, o filho é a

continuação de sua própria existência, quando um filho morre, sonhos e projetos dos pais vão embora com ele, múltiplas perdas estão envolvidas.

Muitos clínicos têm observado que as descrições que surgem de um luto por perda de filho, tem se aproximado muito das descrições de lutos mal resolvidos e complicados e que essa perda é geralmente mais complicada do que as outras. Segundo Rando (1997, p. 52), antigas perdas podem ser revividas nessa ocasião: “ *Para os pais a perda de um filho é um assalto no eu resultando em uma perda representativa na auto estima: negação da esperança de imortalidade*”.

De acordo com Worden (1998), o impacto da perda de uma criança em qualquer idade pode permanecer por anos e essa é certamente uma das perdas mais devastadoras que um ser humano pode sofrer.

A perda de um filho é chocante e capaz de desestruturar toda a dinâmica familiar, ocasionando divórcios, e problemas de relacionamento com os filhos ainda vivos. Normalmente, os pais não respeitam a maneira de pesar um do outro, e às vezes a distância do assunto “filho que morreu” com a intenção de poupar o companheiro, é o que, de acordo com Doka (2000) , pode ocasionar separações.

Já com os filhos ainda vivos, o que pode ocorrer, são comparações freqüentes e idealização do filho morto, o que é bastante complicado, pois é necessário lembrar que o irmão também está sofrendo por essa perda. Os pais tendem a idealizar o filho morto, e encontrar defeitos nos filhos vivos de outras pessoas, e até mesmo de seus próprios filhos sobreviventes. Essa reação é considerada como um mecanismo de defesa contra a dor que estão sentindo (PINE e BRAUER,1997).

Quando um filho morre, os pais sentem culpa, sensação de fracasso, impotência e incapacidade. Acham que falharam com os cuidados do filho, que não conseguiram protege-los como deveriam.

Quando o filho que morre é um adolescente jovem, que está conquistando sua independência, as relações entre pais e filhos podem estar conturbadas, o que torna mais difícil ainda o processo de luto dos pais e por isso é considerada uma das piores experiências de perda segundo Bromberg (2000). Nessa fase, são freqüentes as relações de ambivalência, consideradas como complicadores no processo de luto.

Quando o filho sofre de uma doença fatal, embora as mães sejam mais envolvidas na internação, pois na maioria das vezes são elas as acompanhantes dos filhos doentes, não se notam muitas diferenças no comportamento dos pais e das mães em relação ao luto antecipatório que vivem.

Já no luto por aborto ou morte de neonatais o problema que se enfrenta é o não reconhecimento, pois a sociedade encara essa perda como menos importante alegando que os pais não tiveram contato com esses filhos (RANDO, 1997). Isso pode adiar o processo de luto pelos pais acharem que não precisam sofrer já que não podem, e complica-lo.

1.5- Luto Masculino:

Tanto os homens como as mulheres sentem a dor de uma perda. O que acontece frequentemente, é que devido a diferenças biológicas, psicológicas e sociais, os homens expressam menos sua dor, o que pode dificultar o processo de luto, enquanto as mulheres são mais livres culturalmente para expressarem sentimentos de tristeza.

Socialmente, o homem foi criado, segundo Golden (1996), para ser mais silencioso, conectado com o futuro e não com o passado, menos passivo e mais voltado para a ação. Além disso, o homem deve expressar mais raiva do que outros sentimentos, e por consequência, encontrar sentimentos ligados ao luto de acordo com sua raiva. Os homens possuem também maior necessidade de autonomia e por isso encontram maior dificuldades em ser cuidados.

Dentre as diferenças biológicas, Golden (idem) destaca que devido a diferenças hormonais (a prolactina mais intensa nas mulheres é o hormônio responsável também pela produção das lágrimas emocionais) os homens possuem mais dificuldade de chorar de emoção, o que segundo o autor pode indicar que o homem desenvolva em situações tristes de sua vida, outros tipos de reações fisiológicas que não a lágrima em si. É claro que fatores sociais e culturais também interferem na expressão de luto de homens e mulheres, mas essa diferença em relação às lágrimas tem sido vista em diversas culturas por isso esse aspecto biológico foi ressaltado pelo autor.

De acordo com Doka (2000), devido a expectativas sociais em relação aos homens que desde pequenos são cobrados a terem mais autonomia do que as mulheres, esses possuem

maior dificuldade de demonstrar suas fraquezas publicamente e pedir ajuda, pois para eles, isso seria um sinal de que não conseguem se resolver sozinhos e assim estariam frustrando as expectativas colocadas sobre eles. Eles passaram a acreditar então, que suas perdas não devem incomodar os outros, pois dizem respeito única e exclusivamente a eles, que devem ter autonomia para enfrentar sozinhos suas perdas, o que ocorre de forma diferente com as mulheres que expressam facilmente seus sentimentos, e aceitam mais a ajuda de amigos, parentes e familiares, pois tem permissão social para isso.

Essa repressão dos sentimentos pode ocasionar nos homens diversas reações fisiológicas, como insônia, mal estar, estresse e fadiga, mas dificilmente associam essas reações à perda que estão sofrendo .

Ainda segundo Doka (2000), os homens procuram limitar sua dor ao período imediato da perda, por exemplo, nos rituais fúnebres.

Para Golden (1996), isso ocorre pois homens e mulheres possuem papéis separados em relação ao luto. Esses papéis são definidos pela sociedade. Na nossa sociedade ocidental, na maioria das vezes são os homens quem resolvem os problemas referentes aos rituais fúnebres. Eles são os responsabilizados pelo destino do corpo do ente perdido, e recebem condolências de outros homens. Estão mais ligados ao concreto em relação à morte (corpo, caixão.). As mulheres passam o tempo expressando suas emoções e sendo acolhidas por outras mulheres. A elas são permitidas as expressões sentimentais em público.

É normal também que, ao longo do processo de luto os homens continuem realizando atividades concretas relacionadas ao ente perdido, como, por exemplo, ir ao local da morte e fazer as coisas que fazia com o ente antes de ele partir.

2. Objetivo:

Esta monografia tem o objetivo analisar o relato de um pai que perdeu um filho Natimorto, levando em conta os sentimentos e particularidades do enlutado nessa situação.

3. Método:

Já que essa pesquisa tem o objetivo de conhecer os sentimentos do sujeito através de suas falas, utilizará a metodologia qualitativa.

A ênfase da pesquisa qualitativa não está nos números e sim no significado do fenômeno estudado. (Minayo 1996, pg 102)

3.1-Instrumento:

O instrumento utilizado foi o relato escrito do pai que perdeu seu filho natimorto.

3.3-Participante:

O participante é um homem de 35 anos que perdeu a 3 anos um filho que morreu alguns minutos depois de nascer.

Relato do Sr X:

É muito difícil falar disso...Nosso sofrimento começou na gravidez dela, bem no início...uns 3,4 meses de gestação acho, quando descobrimos o problema. (silêncio)

O feto tinha 3% de chance de sobreviver...corremos em médicos, mas, todos falavam a mesma coisa...

Daí, o momento chegou, 7 meses e meio de gestação, ele nasceu, e bom, nasceu, viveu uns 4 minutos, e faleceu. E...é, eu perdi meu filho.

Minha ex mulher nunca acreditou

que eu pudesse estar sofrendo, eu sempre tão forte, resolvi tudo, comprei “caixãozinho” dele, e eu nem sabia que existia aqueles tão pequenos, nunca tinha visto sabe?

Daí, avisei as pessoas...nossa, que difícil. Meu pai, chorou com ela, virou o sogro sensível, e eu, que queria estar em pé pra segurar a barra fiquei de carrasco para ela...(silêncio)

O pior era quando as pessoas vinham perguntar se tinha sido aborto?

dizer que lamentavam muito pela minha esposa ter abortado? minha esposa não abortou! isso me tirava

do sério, meu filho nasceu, viveu alguns minutos, mas viveu. Isso não entrava na cabeça das pessoas!!!!!! Não foi aborto!!!!

eu tinha vontade de espancar essas pessoas!!!!!!

Minha esposa foi ficando cada vez mais irritada

e nervosa. Muito sensível, chorava muito. Saía do sério com tudo. Começamos a brigar muito. Meu casamento afundou.

Fiquei arrasado, mas acho que teria sido pior ter perdido a mais velha, que eu já tinha convivência né?

Deus me livre, não gosto nem de pensar nisso...teria sido bem pior...nossa. não teria dado conta. acho que fico louco...

Hoje, ah, eu sempre penso nele. como ele seria? O tamanho? Lembro dos aniversários, penso se teria sido um bom aluno...um bom filho,

neto...nossa, lembro sempre. e foi em um dia das mães né? O que tornou na época as coisas mais difíceis não é? Ainda mais pra mãe...mas, é aquilo...

Às vezes agradeço por não ter sido a velha... Não sei. Perdi o filho e o casamento por tabela (risada). Agora estou namorando uma pessoa, estou querendo reconstruir minha vida. Não penso em ter filhos ainda, acho que tenho medo.

De acontecer de novo né?

Sabe depois disso nunca mais fui o mesmo. Tive fortes crises de gastrite e quando fui ver tinha uma Hérnia de Hiato. Não sei sabe, acho que nosso corpo fica mais fraco. Sei lá, Não é fácil perder filho não. Mas, agente vai continuando, trabalhando, achando coisas pra se animar na vida. Não dá pra se entregar não...

4-Análise:

De acordo com Doka (2000), os homens não demonstram publicamente seu sentimento pois tem uma grande expectativa social sobre eles, na qual o homem deve ser mais forte e por isso acredita que seu sofrimento incomoda caso seja demonstrado publicamente. Podemos observar isso no relato desse pai na hora em que ele fala:

“Minha ex mulher nunca acreditou que eu pudesse estar sofrendo, eu sempre tão forte, resolvi tudo, comprei “caixãozinho” dele, e eu nem sabia que existia aqueles tão pequenos, nunca tinha visto sabe?” apud Sr.X.

Para Golden (1996), homens e mulheres possuem papéis separados em relação ao luto. Na maioria das vezes em nossa sociedade ocidental, vemos que são os homens quem resolvem os problemas referentes aos rituais fúnebres dos entes queridos que falecem. Eles acabam sendo os responsabilizados pelo destino do corpo do ente perdido. Estão mais ligados ao concreto em relação à morte (corpo, caixão.). Podemos perceber claramente isso ainda nessa parte do relato do Sr.X:

“eu sempre tão forte, resolvi tudo, comprei “caixãozinho” dele, e eu nem sabia que existia aqueles tão pequenos, nunca tinha visto sabe? Daí, avisei as pessoas...nossa, que difícil.” apud Sr.X.

Dentre as diferenças biológicas, Golden (idem) destaca que devido a diferenças hormonais (a prolactina mais intensa nas mulheres é o hormônio responsável também pela produção das lágrimas emocionais) os homens possuem mais dificuldade de chorar de emoção, o que segundo o autor pode indicar que o homem desenvolva em situações tristes de sua vida, outros tipos de reações fisiológicas que não a lágrima em si. Isso também ocorre com o Sr.X, quando ele nos relata que:

“Sabe depois disso nunca mais fui o mesmo. Tive fortes crises de gastrite e quando fui ver tinha uma Hérnia de Hiato. Não sei sabe, acho que nosso corpo fica mais fraco. Sei lá, Não é fácil perder filho não” apud Sr.X

Podemos perceber aqui, que Sr. X, reage a perda desenvolvendo um problema de saúde ao invés de chorar.

Como já explicitado nessa análise, o luto de um homem pode muitas vezes não ser validado socialmente por conta das expectativas sociais, o que pode tornar o luto masculino muitas vezes um luto complicado. Além disso, O luto por perda de um filho natimorto também não é socialmente validado. É um tipo de perda não reconhecida segundo Caselatto (2005). Podemos observar no caso do Sr.X que ele mesmo não reconhece sua perda quando fala: *“Fiquei arrasado, mas acho que teria sido pior ter perdido a mais velha, que eu já tinha convivência né?*

*Deus me livre, não gosto nem de pensar nisso...teria sido bem pior...nossa. não teria dado conta. acho que fico louco...”*apud Sr.X

Nesse momento, podemos perceber que o próprio sujeito não reconhece de fato sua perda quando pensa que teria sido pior a perda de sua filha mais velha (uma perda reconhecida socialmente).

De acordo com DOKA (2000), A perda de um filho é chocante e capaz de desestruturar toda a dinâmica familiar, ocasionando divórcios, e problemas de relacionamento com os filhos ainda vivos. Normalmente, os pais não respeitam a maneira de pesar um do outro, e às vezes à distância do assunto “filho que morreu” com a intenção de poupar o companheiro, é o que, de acordo com Doka (2000), pode ocasionar separações.

Podemos perceber que com o Sr.X isso ocorre na hora em que ele relata:

“Minha ex mulher nunca acreditou que eu pudesse estar sofrendo, eu sempre tão forte, resolvi tudo, comprei “caixãozinho” dele, e eu nem sabia que existia aqueles tão pequenos, nunca tinha visto sabe?

Daí avisei as pessoas...nossa, que difícil. Meu pai, chorou com ela, virou o sogro sensível, e eu, que queria estar em pé pra segurar a barra fiquei de carrasco para ela...(silêncio)” apud Sr X.

“Minha esposa foi ficando cada vez mais irritada e nervosa. Muito sensível, chorava muito. Saía do sério com tudo. Começamos a brigar muito. Meu casamento afundou.” Apud Sr.X

Por fim, de acordo com Bowlby (1981, p.85) O Luto pode ser dividido em quatro fases principais:

- 1 Entorpecimento: Nesta fase, a pessoa entra em choque, não consegue acreditar na morte da pessoa querida, podendo negar o ocorrido. A pessoa normalmente tenta continuar a viver como se nada tivesse acontecido. É uma reação de defesa contra o impacto da perda.
- 2 Anseio e Protesto: Nesta fase a pessoa tenta recuperar a pessoa perdida, sente muita raiva. Fase de bastante inquietação, onde mais acontecem os sonhos com a pessoa perdida. A pessoa chama pelo morto e pede que volte.
- 3 Desespero: Fase bastante difícil na qual a pessoa se dá conta de que a sua perda é irrecuperável. Fase de apatia, e depressão.
- 4 Recuperação e Restituição: A depressão se mistura a sentimentos bons, a pessoa se adapta melhor Às mudanças ocorridas em sua vida, consegue reinvestir sua energia em outras coisas e sua relação com o objeto perdido é estabelecida de uma nova forma.

Lendo o relato do Sr X podemos perceber que ele se encontra na fase de recuperação e restituição. Sr. X ainda sofre, sente saudades e pensa muito no filho, mas está reconstruindo sua vida. Tem seus medos, mas parece estar os enfrentando e seguindo em frente. Podemos observar isso no relato dele onde ele diz:

“Não sei. Perdi o filho e o casamento por tabela (risada). Agora estou namorando uma pessoa, estou querendo reconstruir minha vida. Não penso em ter filhos ainda, acho que tenho medo.

De acontecer de novo né?

Sabe depois disso nunca mais fui o mesmo. Tive fortes crises de gastrite e quando fui ver tinha uma Hérnia de Hiato. Não sei sabe, acho que nosso corpo fica mais fraco. Sei lá, Não é fácil perder filho não. Mas, agente vai continuando, trabalhando, achando coisas pra se animar na vida. Não dá pra se entregar não...” apud Sr.X

Considerações Finais:

Pudemos observar na análise do Sr.X diversos aspectos da teoria descrita ao longo do trabalho:

Sr.X, perdeu um filho natimorto, acabou se separando pois a perda acabou influenciando negativamente na dinâmica familiar, desenvolveu uma doença psicossomática, como expressão de seu pesar, resolveu aspectos concretos do luto se responsabilizando pelo ritual fúnebre e comunicação para as pessoas e hoje, três anos depois, tenta reconstruir sua vida ao lado de outra pessoa.

Frente a esse relato ficaram para mim algumas questões:

Caso o Sr.X tivesse se submetido a uma terapia para enlutados, junto à sua esposa, alguns meses depois da perda de seu filho, essa separação poderia ter sido evitada? Ou, pelo menos, o casal compreenderia mais a forma de sofrimento um do outro?

Se o Sr X tivesse tido a oportunidade de expressar seu pesar, no setting terapêutico, teria ele desenvolvido sua doença?

Não sabemos se o Sr X já tinha crises conjugais antes da perda e nem se ele tinha pré disposição para desenvolver essa doença. Mas, acreditando na efetividade do trabalho terapêutico com enlutados, essas são as questões que esse trabalho deixa em aberto.

Além disso, podemos ver a importância da educação para a morte em nossa sociedade, para que as pessoas compreendam mais e aceitem todos os tipos de perdas e expressões de morte, evitando em partes pelo menos que pessoas enfrentem lutos complicados e ainda mais dolorosos.

Referências Bibliográficas

BOWLBY, J. (1981) *Attachment and Loss* vol.III, Penguin Books, New York.

BROMBERG, M.H.P.F. (2000) *A Psicoterapia em Situações de perdas e Luto*, Campinas, Livro Pleno.

DOKA, J.K.(1989) *Disenfranchised Grief ; Recognizing Hidden Sorrow*. xington Books, Nova York.

FRANCO M.H.P., Mazorra, L. e Tinoco, V. (2002) Fatores de Risco Para Luto Complicado numa População Brasileira, in Franco, M.H.P. (org) (2002) *Estudos avançados sobre o Luto*, Campinas, Livro Pleno.

FREUD,S. (1974) Luto e Melancolia, In: *Obras Completas* Volume:XIV , Edição Standart, Rio de Janeiro:Imago.

KOVACS, M.J. (1992) *Morte e desenvolvimento Humano*. Casa do Psicólogo, São Paulo.

KUBLER-ROSS,E. (1997) *The wheel of life-a memoir of living and dying*. New York: A Touchstone Book

MARTIN, T.L. e DOKA, J.K.,(200) *Men don't cry ...Women do. Transcending Gender stereotypes of grief*. Editora:Brunner/Mazel USA

PARKES, C.M.(1998) *Luto, estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus.

RANDO,T (1997) *Parental Loss of a child*; search Press Company , Illinois.

WORDEN, J.W. *Terapia do Luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Artes Médicas, Porto Alegre.1998.

